

Sarney acha partidos 'meros cartórios'

Parlamentar mais antigo do Congresso – acumula sete mandatos num total de quatro décadas – o presidente do Senado, José Sarney, anda inquieto com os meios e os modos de eleger políticos e fazer política no Brasil.

“Hoje os partidos são meros cartórios de registrar candidaturas”, diz Sarney, um tanto descrente da disposição do Parlamento e do Executivo em se empenhar pela reforma política, sempre defendida e sistematicamente adiada.

Sarney acha que anda faltando “visão de estadista” no mercado da política, onde prevalece a acomodação e, mais grave, a submissão a novas forças surgidas nos últimos tempos e que contribuíram para aprofundar as distorções já existentes.

Por exemplo?

“As igrejas evangélicas são um grande empecilho à reforma”, aponta. É justamente porque se beneficiam do fator que dá, na opinião de Sarney, origem a todos os tipos de deformações nas relações entre partidos, eleitos e eleitores: o voto proporcional.

Por esse sistema, cada candidato é uma entidade independente, sem compromisso com o respectivo partido nem obrigações para com o eleitorado que, disperso, fica desprovido de instrumentos e de motivação para cobrar reciprocidade ao voto teclado na urna.

“O voto proporcional só existe aqui, em nenhuma outra parte do mundo”, diz o senador, lembrando que em 1963 apresentou seu primeiro projeto instituindo o voto distrital no País.

“Sem isso não adianta ficar falando em fidelidade partidária, em fortalecimento e redução do número de partidos. Só com a mudança do sistema proporcional para o distrital já teríamos como consequência natural a fidelidade e a reorganização dos partidos.”

Mesmo poderoso, e já tendo sido muito mais – como presidente da República –, José Sarney se reconhece impotente para levantar e levar adiante a bandeira.

Ameno com seus pares, não diz as coisas assim de modo explícito, mas autoriza o interlocutor à conclusão de que aos políticos não interessam mudanças profundas.

Resistência inútil, na visão dele. Nesta altura da democracia brasileira, acredita, a reforma política já não é uma questão de escolha nem de vontade deste ou daquele grupo ou setor.

Mais do que necessária, Sarney considera sua instituição inexorável: ou os políticos fazem a reforma ou ela acabará sendo imposta a eles pela realidade do esgotamento do sistema político-partidário-eleitoral da forma como se apresenta.

“A democracia representativa está em cheque em todo o mundo devido à dificuldade do político para renovar permanentemente sua legitimidade junto ao eleitorado.” “A mídia”, continua, “hoje faz esse papel muito melhor, representa muito mais o cidadão – pois convalida sua relação com ele diariamente – do que o deputado ou o senador, cujos mandatos envelhecem em 15 dias”, exagera um pouco, para destacar a seriedade e imprimir dramaticidade à questão.

Embora ressalte a firmeza dos obstáculos, Sarney ao mesmo tempo aposta numa adesão compulsória às mudanças. “Os fatos levarão a isso e, quem não quiser envelhecer politicamente, vai ter de mudar.”

Zero a zero

Chama atenção a veemência com que José Sarney defende a reforma política agora, depois de cinco décadas de militância no ramo.

Ele explica: “Com a eleição do presidente Lula chegamos o fim de um ciclo iniciado há 100 anos e, durante os quais, permanentemente enfrentou-se o risco da revolta, como manifestação individual dos excluídos, e da revolução, como expressão coletiva. Hoje, ao se fazer a alternância real de poder, extinguiu-se a possibilidade da ruptura pela via do conflito social.”

O fechamento desse ciclo, com a ascensão do “outro lado”, na opinião do presidente do Senado, torna inadiável a reforma política, como forma de adaptação das velhas regras aos novos tempos.

Para Sarney, a chegada de um partido de esquerda surgido do movimento operário ao poder central põe todas as forças políticas do País em igualdade de condições frente à sociedade e altera paradigmas. “Daqui em diante, ninguém mais pode dizer que vai fazer a revolução. A questão social deixou de ser uma razão de conflito para se tornar um assunto de governos.”

O desenho exato do cenário político-partidário brasileiro José Sarney não consegue antecipar. Mas, de uma coisa está convicto: “Os velhos métodos de fazer política não voltam nunca mais.”

E o que José Sarney entende por “velhos métodos”, sendo ele mesmo um instrumentista de antigos modos?

A bravata, a promessa vã do paraíso na terra, a realização de todas as utopias por um ato de vontade, esse cardápio apresentado durante anos pela esquerda é que Sarney parece considerar definitivamente arquivado.

SENADOR
APOSTA QUE
REFORMA
POLÍTICA
SERÁ
IMPOSTA
PELOS FATOS